

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Guerras visíveis, violências invisibilizadas

João Saraiva
joaoantoniosl@gmail.com

Enquanto o mundo assiste, perplexo, à escalada bélica no Oriente Médio e no Leste Europeu — Israel contra o Hamas e o Hezbollah; o Irã trocando mísseis; a Ucrânia sendo pulverizada por drones russos —, esquecemos que há guerras que não ganham manchetes, mas seguem matando em silêncio.

A guerra no Brasil é diária. Não há tanques nas ruas, mas há corpos no chão. Não há mísseis no céu, mas há fome nos becos. O país que condena os bombardeios alheios fecha os olhos para o genocídio simbólico e físico dos seus próprios filhos: jovens negros exterminados nas periferias; mulheres espancadas dentro de casa; indígenas expulsos por tratores financiados pelo agronegócio; quilombolas invisibilizados; idosos abandonados em filas do INSS; crianças violentadas sem manquete; LGBTQIAP+ assassinados sob o olhar cúmplice da indiferença social.

Thomas Hobbes via no Estado o único

antídoto contra a guerra de todos contra todos. No Brasil, o Estado frequentemente é parte da guerra — seja por omissão, seja por corrupção. A verba que salvaria vidas é desviada, e o que poderia ser remédio vira orçamento secreto. Onde falta vontade política, sobra sofrimento.

Enquanto em Gaza se bombardeia com mísseis, aqui se bombardeia com ausência: de leitos, de merenda, de segurança, de justiça. Walter Benjamin já alertava: “o estado de exceção em que vivemos é a regra”. E no Brasil, essa regra veste a farda da desigualdade histórica e da naturalização da violência estrutural.

É curioso como nos comovemos com guerras distantes, mas convivemos com massacres cotidianos com uma serenidade quase cínica. Talvez porque, como dizia Zygmunt Bauman, vivemos numa modernidade líquida, onde até a dor do outro se dissolve rápido demais.

O mundo está em guerra. Mas o Brasil, esse campo minado da indiferença, está em ruínas — não apenas por aquilo que explode, mas por tudo que se apodrece em silêncio.

Existe arqueologia no Ceará?

Ana Paula Gomes Bezerra
apgb2018@gmail.com

A resposta para essa pergunta é sim, mas você sabe o que é arqueologia e por que ela é tão importante?

A arqueologia estuda os vestígios deixados pelo homem: como eles viviam, o que comiam, que ferramentas fabricavam e utilizavam, onde moravam, e o tipo de material utilizado por eles para produzir tais vestígios, como fragmentos de cerâmica, pinturas nas rochas, entre outros.

A importância de estudar os vestígios deixados pelo homem ao longo do tempo nos permite conhecer melhor nossa história, e isso é possível por meio dos fragmentos, sejam eles de cerâmica, pedra (instrumentos e ferramentas), vidro, entre outros.

Para falar sobre os vestígios, nesse caso os registros rupestres (aquelas pinturas feitas nas rochas), trago um dos primeiros documentos produzidos: a obra Lamentação Brasília, do padre Telles de Menezes. Ele anotou todas as “pinturas rupestres” encontradas no Ceará e em outras regiões

do Nordeste. Isso ocorreu em 1799, no Ceará, e serviu como guia para muitos estudiosos e arqueólogos.

Da década de 1990 até os dias de hoje, muitos sítios arqueológicos foram encontrados, e muito se conheceu sobre os grupos que viviam antes da chegada do colonizador, por meio dos vestígios deixados pelos diferentes grupos que habitavam o Ceará, um exemplo disso é a região do Cariri. E ainda, sobre a vida nas cidades, como Sobral, Aracati e Fortaleza, onde foram realizadas escavações arqueológicas que evidenciaram a vida da sociedade que ocupou essas cidades em diferentes períodos.

Infelizmente, mesmo com uma área tão rica em vestígios da presença do homem, destaca-se a importância de uma graduação em arqueologia no Ceará, pois muitos alunos saem daqui para estudar em outros estados vizinhos que oferecem o curso. Ainda faltam ações que divulguem as pesquisas que são realizadas — muitas vezes por instituições de outras regiões — e, por isso, o material coletado frequentemente não permanece no local onde foi escavado.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Querubim

Anahí Gabriella
Ex-Correspondente **O POVO**

Sim, fui ensinada e me ler de maneira equivocada, como se o grande problema era ser imensa como sou e, portanto, pensei e quis ser menos, menor, menos vista, mas você faz com que me sinta segura em ser eu. Você faz com que me sinta imbatível, poderosa, cheia de brilho e cor... mas não por você, como uma extensão sua, mas por mim, por ser quem sou e por isso, caramba, você foi a minha retomada de fé em mim.

E não. Não, não, não, não, não! Eu não precisava de você para deixar de me distrair sobre mim, para tirar o véu da viúva de minha face, para tirar o travesseiro do meu rosto que outras mãos tentaram calar, mas você acelerou o processo de forma indolor e doce, entre risinhos e intimidade.

Você é como uma brisa leve no fim de tarde à beira do mar, você é a sensação outrora desconhecida de ser tão minimamente lida e é confiança. Você é o maior *hater* dos meus *haters* e é o mais sereno dos que eu já poetizei. Você é zelo e presença, ainda que nos dias de distância, é a resposta mútua do “saudades de você”. Você é tão grande que nem parece tão pequeno, é tão fechado que nem parece tão aberto, é tão calado que nem parece tão falante e é único exatamente como é.

Você veio como um afago no caos derradeiro, é quem detém o lugar de prioridade nos meus dias. Obrigada por ser você, sobretudo, obrigada por me deixar ser eu, ainda que jure de pés juntos e dedinhos, que ainda se sente intimidado comigo.

Obrigada por ter lugar no seu coração,luz.
E claro,
piadas bem ruins
(essas são as melhores).



Você é zelo e presença, ainda que nos dias de distância, é a resposta mútua do “saudades de você”



Quintal à moda antiga

Jacqueline M. M. Cartaxo
Escritora

Se “numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo”, imagina aí, os incontáveis caminhos que dá pra fazer com um ciscador no quintal cheio de folhas secas saltitantes.

Fez-me pensar no ciscador que tinha lá no nosso quintal. Um quintal afetivo e sem muros, somente uma cerca dividindo cada propriedade.

O ciscador ficava ali, no cantinho de cada cerca, só espionando os moradores. As folhas no chão pareciam dançar forró, xaxado e baião. Nem levantavam poeira. Só se ouvia o burburinho das folhas sendo fiscadas pelo ciscador...

E você... já ouviu o farfalhar desse encontro?

Mas o interessante mesmo era o caminho deixado pelo ciscador.

Todos na mesma linha e por incrível que pareça, nem um igual ao outro. Feito labirinto de renda de bilro, artesanalmente bordada para frente outro para trás. Esse quintal à moda antiga tá presente na minha memória.

Hoje, nosso quintal está cimentado, mas bem no cantinho, perto do pé de carambola, está nosso saudoso ciscador. Fica ali, espreitando as novas gerações. Fica ali no cantinho como uma peça vintage, que nos remete aquelas tardes felizes. Fica ali, como se fosse um pé de poesia ornamentando nosso quintal afetivo.

Fragmentos

Hilário Ferreira
Professor, pesquisador da História e Cultura Negra do Ceará

No caminho das águas
A tua presença sana
Demarca teu ser.
Medindo o desejo de envolver-se.
Abrigo de tua defesa,
Para desespero meu.

No tempo
As marcas da vida
Derramam sobre ti
Meus desejos.

Na tua voz
Aprendo,
aprender-me.
Das grades
Dos sonhos
Meus.

O menino da biblioteca

Antônio Rodrigues Neri
Estudante universitário

Sempre na mesma cadeira, com o mesmo caderno, canetas e aquela apostila que já está se desfazendo de tanto usar. Ele arruma os óculos, enquanto abre o livro e inicia as anotações. Sempre de cabeça baixa, na mesma mesa. Os frequentadores assíduos da biblioteca, pelo horário, já sabem: ele está chegando. Mais um dia, ele segue o mesmo ritual. Sempre com o olhar nos livros. Porém, dessa vez, algo diferente surge. Ele retira alguns papéis de dentro da mochila e começa a sorrir orgulhoso. Tento fingir que estou procurando algo pra chegar próximo a ele, minha curiosidade me leva até o mais próximo que consigo sem ser notado. É uma folha de matrícula. Forço mais um pouco pra tentar ler as letras no papel. Consigo ler. Meus olhos marejam ao perceber que tem lágrimas escorrendo como rio na face dele. Caro leitor, esse garoto se tornou doutor.